

## **A INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE DENTRO E FORA DA JORNADA REMUNERADA DE TRABALHO**

*Antonio José Fernandes Ricardo*

### **Resumo**

Este trabalho apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que objetiva conhecer as condições de trabalho docente nos anos finais do Ensino Fundamental. Participaram da pesquisa, em 2015, professores dos anos finais do Ensino Fundamental de escolas da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina, em Joinville. A coleta de dados aconteceu mediante a aplicação de um questionário contendo questões abertas e fechadas. Submetidos à técnica de análise de conteúdo, os dados revelaram situações de intensificação docente dentro e fora da jornada remunerada, bem como, indícios de autointensificação. Entre as situações mais recorrentes, aparece o “professor online”, implantado sem as condições materiais de trabalho adequadas ao seu uso, tornando-se sinônimo de aumento do volume de atividades docentes, contribuindo para a intensificação do trabalho além da jornada remunerada. Entre as atividades que tem comprometido cada vez mais o tempo dedicado à vida pessoal, além do preenchimento do “diário online”, os professores indicaram o planejamento de aulas e a correção de atividades. Como referenciais teóricos que embasam este trabalho, podem ser citados Arroyo (2004), Dal Roso (2010), Huberman (2007), Hypólito (2012), Oliveira e Vieira (2012) e Tardif e Lessard (2014).

**Palavras-chave:** Anos finais do Ensino Fundamental; Intensificação do trabalho docente; Autointensificação; Jornada de trabalho remunerada; Jornada de trabalho não remunerada.

### **Introdução**

Com o propósito de iniciar a discussão acerca da intensificação docente no interior da jornada de trabalho remunerada e fora dela, recorre-se em um primeiro momento às palavras de Arroyo (2004), que identifica a intensificação do trabalho enquanto característica da profissão docente. De acordo com o autor:

[...] Porque somos professores. Somos professoras. Somos, não apenas exercemos a função docente. [...] Os tempos da escola invadem todos os outros tempos. Levamos

para casa as provas e os cadernos, o material didático e a preparação das aulas. Carregamos angústias e sonhos da escola para casa e de casa para a escola. Não nos damos conta de separar esses tempos porque ser professoras e professores faz parte de nossa vida profissional. É o outro em nós. (p.27)

Frente à existência de situações de intensificação do trabalho docente, adotando como referência Oliveira e Vieira (2012), que afirmam que a intensificação docente acontece durante a jornada de trabalho e fora dela, pretende-se apresentar dados que permitam discutir a questão que norteia este trabalho, ou seja, compreender como se dá o processo de intensificação dos professores dos anos finais do Ensino Fundamental nas escolas da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina em Joinville.

Participaram da investigação, 65 docentes efetivos em 23 escolas da Rede Estadual de Ensino, situadas na cidade de Joinville, lotados em uma mesma escola com a carga horária de 40 horas/aulas semanais.

Após a análise das respostas dos participantes, observou-se uma grande incidência de mensagens apontando para situações de intensificação do trabalho, bem como, indícios de autointensificação. De acordo com Oliveira e Vieira (2012), a autointensificação se caracterizaria pela postura do trabalhador em sentir-se responsável pelos resultados do trabalho e da instituição em que trabalha.

Ocorrida durante a jornada de trabalho e fora dela, a intensificação do trabalho tem se caracterizado, na maioria das vezes, pela realização das mesmas atividades desenvolvidas durante a jornada remunerada, como o planejamento de aulas, a correção de atividades e o preenchimento do “professor online”, nome que designa a plataforma que substitui o diário físico pelo diário eletrônico/virtual.

Contudo, compreender o contexto que envolve a intensificação docente, seja no interior da jornada de trabalho remunerada ou fora dela, remete olhar para os impactos da falta de condições materiais de trabalho frente à obrigatoriedade do preenchimento simultâneo do “professor online” e do diário em meio físico, situações que remetem à questão norteadora.

Mediante o aumento do volume de atividades docentes, como a utilização do “professor online”, por exemplo, torna-se urgente repensar a proporcionalidade entre o referido aumento e a quantidade de horas atividades vigente, contribuindo para a compreensão sobre a existência de intensificação e autointensificação docente no interior da jornada remunerada de trabalho e fora dela.

## **Percurso Metodológico**

A presente pesquisa, sustenta-se em uma abordagem de cunho qualitativo, que segundo Gatti e André (2011, p.30), atribui

[...] especial atenção ao mundo do sujeito e aos significados atribuídos às suas experiências cotidianas, às interações sociais que possibilitam compreender e interpretar a realidade, aos conhecimentos tácitos e às práticas cotidianas que forjam as condutas dos atores sociais. (GATTI e ANDRÉ, 2011, p. 30)

Frente a existência de 114 possíveis participantes, considerando os critérios de inclusão, optou-se pelo método *survey*, pois, de acordo com May (2004, p.110), “[...] as *surveys* são um dos métodos empregados com mais frequência na pesquisa social e [...] se caracterizam pela coleta de dados referentes a um grande ou muito grande número de pessoas”. Considerando o contexto escolar, relacionado com diferentes turnos de trabalho e a ocorrência de diversas situações que interferem nas condições de trabalho, como critério de inclusão, optou-se por professores dos anos finais do Ensino Fundamental, efetivos a mais de três anos na Rede Estadual de Ensino e lotados em uma mesma escola com 40 horas/aulas semanais.

Como instrumento para a coleta de dados, foi aplicado um questionário com questões abertas e fechadas, respondido voluntariamente por 65 professores de vinte e três escolas. Após a coleta, os dados foram analisados a partir da técnica da análise de conteúdo, que segundo Bardin (2011, p.48), consiste em:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadas (quantitativas ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

Entre os resultados apurados, evidenciam-se situações de intensificação do trabalho docente durante a jornada remunerada de trabalho e fora dela, bem como, possíveis indícios de autointensificação.

## **Aportes Teóricos**

Antes de contextualizar a intensificação do trabalho docente, seja, no interior ou fora da jornada remunerada de trabalho, pretende-se apresentar teoricamente o que se compreende por intensificação do trabalho docente, discutindo, a princípio, o conceito de intensidade do trabalho.

Sobre a intensidade do trabalho, conforme propõe Dal Roso (2010, p. 15):

Qualquer trabalho realizado contém a dimensão de desgaste corporal, emocional ou cognitivo em proporções variáveis. O controle do grau de intensidade do trabalho é um dos focos de uma luta histórica surda entre empregadores e trabalhadores. Estes buscam reduzir o ritmo e a intensidade, aqueles aumentá-los. O grau da intensidade do trabalho apresenta duas faces opostas: quanto maior a intensidade, maiores ou melhores os resultados obtidos [...] Esse argumento move administradores de organizações econômicas a uma incessante busca por tecnologias intensificadoras do trabalho, no sentido de produtoras de mais resultados; a outra face é caracterizada pela dilapidação e pelo desgaste do indivíduo [...] Quando a classe trabalhadora quer controlar o grau da intensidade laboral, está defendendo a vida, a possibilidade de viver mais anos e melhor. Há, portanto, um conflito incessante sendo travado entre as classes sociais tendo como fulcro o controle da intensidade do trabalho.

De acordo o autor, relacionada com metodologias de racionalização do tempo, como o Taylorismo associado ao Fordismo, o aumento da intensidade do trabalho se moldaria a partir da segunda metade do século XX às concepções toyotistas, chegando conseqüentemente à educação. De acordo com Dal Roso (2010, p.15),

Princípios e práticas intensificadores do trabalho empregados em outros setores de atividade atingem mais cedo ou mais tarde o campo da educação, seja nas empresas privadas seja nos serviços governamentais. No levantamento realizado no Distrito Federal, professores das escolas privadas queixavam-se da acumulação de tarefas, da administração por resultados, do alongamento das horas, muitas delas não remuneradas, da polivalência e da flexibilidade. No magistério público, a cobrança por resultados opera como uma espada de Dâmocles sobre a cabeça de professores e pesquisadores. A atividade de magistério, do maternal ou pós-doutorado, está sujeita ao processo de intensificação.

Contudo, a intensificação docente não é um fenômeno isolado, podendo ser verificada tanto no cenário brasileiro como fora dele, conforme apontam a pesquisa Trabalho e Educação no Brasil (TDEBB) em sua primeira etapa, realizada com professores da educação básica de escolas públicas de sete estados entre 2009 e 2010, bem como, as pesquisas de Tardiff e Lessard (2014), realizadas com docentes da Educação Básica do Canadá.

No Brasil, a pesquisa TDEBB verificou um alto índice de intensificação do trabalho docente, considerando principalmente a carga de trabalho dos professores fora da escola. Segundo Oliveira e Vieira (2012, p.171),

Tomamos como indicador do tempo de trabalho extraclasse sem o reconhecimento formal a frequência que o docente leva trabalho para realizar em casa e a quantidade de horas semanais dedicadas. Aproximadamente  $\frac{3}{4}$  dos docentes afirmaram levar atividades para serem realizadas em casa “sempre” ou “frequentemente”, sendo que quase metade indicou levar “sempre”. Os docentes dedicam-se a essas atividades, em média, 7 horas semanais, sendo que, o valor mais apontado por eles (a moda) foi de 10 horas semanais.

De acordo com Tardiff e Lessard (2014, p.135), ao discutirem o contexto canadense:

À noite, nos fins de semana, ou nas férias, muitas vezes os professores se ocupam com diversas atividades ligadas a seu trabalho, preparam aulas, deveres de casa, documentação, o material pedagógico e as provas, assumindo ao mesmo tempo, a correção dos trabalhos dos alunos. Procuram também os pais, para solicitar sua colaboração. Muito poucos professores afirmam não fazer nenhuma correção. No Canadá, 25% dedicam mais de 11 horas por semana às tarefas escolares depois das aulas, 30% lhes dedicam de uma a cinco horas e 40%, de seis a dez horas.

Contudo, a intensificação do trabalho não tem se manifestado apenas no trabalho extraclasse, como se fosse algo inerente à profissão. Segundo Oliveira e Vieira (2012 p.173), “[...] a intensificação do trabalho que ocorre no interior da jornada remunerada é bastante preocupante por se tratar, em geral, de estratégias mais sutis e menos visíveis de exploração”.

Sobre a intensificação no interior da jornada remunerada, podem ser citadas, novas atribuições que passam a ser entendidas como responsabilidades docentes. Muitas delas, de caráter burocrático, resultam no aumento do volume de tarefas docentes, embora, o tempo destinado à sua realização não aumente na mesma proporção. Como consequência do aprofundamento da intensificação do trabalho, de acordo com Oliveira e Vieira (2012, p.173), “[...] observa-se um comprometimento do trabalhador que faz com que assuma para si a responsabilidade pelos resultados do trabalho e da instituição, o que pode ser considerado processo de autointensificação do trabalho”.

Com base nos aportes teóricos que sustentam a discussão sobre as condições de trabalho docente na atualidade, propõe-se contextualizar a seguir, a ocorrência de intensificação durante e além jornada remunerada de trabalho dos professores dos anos finais do Ensino Fundamental da Rede Estadual de Ensino em Joinville.

### **O que revelam os dados da pesquisa sobre a intensificação do trabalho docente dentro e fora da jornada remunerada de trabalho**

Como ponto de partida, propõe-se discutir a intensificação fora da jornada de trabalho que excede às 40 horas/aulas semanais transcorridas no contexto da escola.

Quatro (6%) dos 65 participantes que compõem a amostra total, informaram trabalhar mais de 40 horas/aulas na unidade escolar em que estão lotados. Embora, no momento de elaboração do questionário não tenha sido proposta nenhuma questão que possibilitasse aos participantes especificar o cargo ou função que ocupam/exercem além das 40 horas/aulas, alguns dados sugerem a existência de situações de intensificação de trabalho.

Com relação à existência de outro vínculo empregatício, além da carga horária na escola em que estão lotados, 9 (14%) participantes responderam que possuem outro vínculo. Dos 9, 8 (89%) informaram trabalhar em atividades relacionadas com a docência.

A situação de intensificação do trabalho caracterizada por uma jornada de trabalho que excede a carga horária de 40 horas/aulas, também aparece em outras duas pesquisas que se relacionam com a temática acerca das condições de trabalho docente nos anos finais do Ensino Fundamental, realizadas por Silva (2007) e Carvalho (2014), respectivamente.

A partir da análise dos dados da pesquisa realizada na Rede Municipal de Ensino de Betim, sobre a jornada excessiva de trabalho, Silva (2007, p. 130) afirma que,

As baixas remunerações acabam levando grande parte dos docentes a ampliarem suas jornadas de trabalho semanal. [...] Considerando professores que trabalham com língua portuguesa na oitava série do ensino fundamental, 32,3% deles trabalham até 40 horas semanais, e 18,5% trabalham mais de 40 horas por semana. No caso de professores de matemática, a tendência é mantida, sendo que 21,9% deles trabalham mais de quarenta horas semanais.

Ao discutir os dados apresentados pelos professores de uma das escolas que serviu de locus para a pesquisa realizada em duas escolas da Rede Estadual de Ensino de Goiás, Carvalho (2014, p.87) esclarece que:

[...] constatou-se que 40% dos professores realizam uma jornada de 40 horas semanais, enquanto 60% dos que responderam aos questionários afirmaram possuir uma carga horária de 60 horas semanais.

Considerando a totalidade de participantes desta pesquisa que responderem ao questionário que originou este trabalho, o número de respondentes que indicou exceder a jornada de 40 horas/aulas por semana, seja na mesma unidade escolar ou em função de outro vínculo empregatício, evidencia semelhanças com a realidade dos professores de Betim e Goiás no que se refere à jornada de trabalho remunerada. Embora os dados não sejam tão expressivos como no caso de Goiás, considerar o percentual apontado pelos participantes da pesquisa realizada em Joinville, que a princípio parece pouco significativo, exige cuidados para que informações que apontam indícios de intensificação do trabalho não sejam desconsideradas ou ignoradas.

Observados separadamente, os percentuais de professores que trabalham mais horas na própria escola e aqueles que trabalham mais horas em outro vínculo empregatício, parecem pouco expressivos. Contudo, quando somados, é possível obter um total de 13 professores, ou seja, 20% de um total de 65 participantes. Como característica comum, 12 dos 13 participantes encontram-se no período compreendido entre o sétimo e o vigésimo quinto ano

de trabalho, denominado por Huberman (2007) como fase de “diversificação”. Apenas um dos participantes informou encontrar-se no período compreendido entre o quarto e sexto ano de trabalho, definido pelo mesmo autor como fase de “tateamento”. Considerando que a fase de diversificação é bastante duradoura, infelizmente, não foi possível verificar o tempo exato de trabalho de cada professor na Rede Estadual, ou ainda, as razões que contribuem para que os docentes tenham um segundo vínculo de trabalho ou excedam a jornada de 40 horas/aulas em uma mesma unidade escolar. Assim sendo, ao contrário do proposto por Carvalho (2014), não existem na pesquisa com os professores de Joinville, dados consistentes que permitem afirmar que existe relação entre a intensificação do trabalho docente representada pela quantidade excessiva de horas trabalhadas e a remuneração recebida pelos professores.

Considerando a jornada de trabalho de 40 horas/aulas por semana e o número de horas atividades nela inclusas, oito horas/aulas, conforme Lei Complementar nº 150, de 08.07.1996, quando questionados sobre o número de horas semanais dedicadas à realização de atividades docentes fora da jornada remunerada, apenas 4 (6%) dos participantes informaram não utilizar tempo fora da escola para a realização de tais atividades. Trinta e nove participantes, 60% do total, apontaram a necessidade de tempo fora da unidade escolar para a realização de atividades relacionadas com a docência, envolvendo cinco horas ou mais na realização de tais atividades.

Quando questionados sobre as atividades que realizam, do total de 65 participantes, 56 (86%) responderam à questão, totalizando 110 ocorrências, relacionadas com quatro diferentes atividades, conforme apresentado a seguir.

<b>Atividades desenvolvidas</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
Planejamento de aulas e atividades	45
Correções de atividades avaliativas	36
Preenchimento do Professor online	25
Atividades de Cunho Cultural	4
<b>Total de ocorrências</b>	<b>110</b>

QUADRO 1: ATIVIDADES DOCENTES REALIZADAS ALÉM DA JORNADA REMUNERADA DE TRABALHO

FONTE: Pesquisa Condições de Trabalho Docente nos Anos Finais do Ensino Fundamental

Frente os dados do quadro acima, observa-se um grande número de ocorrências referentes às atividades de planejamento, correção e uso do “professor online”, conforme pode observado a partir das respostas de alguns dos participantes à questão que trata das atividades realizadas fora da jornada remunerada.

Correção de provas, trabalhos. Preenchimento dos diários on-line e planejamento das aulas. (P42)

Plano de aula, provas e trabalhos (montagem e correção), recuperação paralela, passar notas e faltas e outras atividades no professor on-line, leitura de livros. Sábados e domingos eu encontro com outros professores de outras escolas que são amigos para montar atividades etc. (P33)

Planejamento das aulas, estudo. Faço tudo fora da escola, pois não tem ambiente adequado e internet para estudos. (P52)

A partir das respostas transcritas acima, constata-se a presença de duas situações relacionadas com a intensificação docente fora da jornada remunerada, ou seja, a falta de tempo e de condições materiais, conforme citado por P52. Infere-se, portanto, que, os 20% de horas atividades vigentes atualmente e, a falta de recursos tecnológicos essenciais ao preenchimento do “*professor online*”, têm contribuído para a intensificação do trabalho fora da jornada remunerada. Contudo, antes de aprofundar esta discussão, propõe-se olhar mais atentamente para a última linha do quadro anterior.

A partir do olhar atento, observa-se que, o tempo gasto em atividades docentes fora da jornada remunerada por parte dos professores, relaciona-se com atividades que se diferenciam do planejamento e correção de atividades, ou ainda, do preenchimento do “*professor online*”. Foram citadas pelos professores, atividades de cunho cultural, conforme pode ser percebido a seguir:

Leituras, Palestras e Cursos. (P48)

Visitas a exposições, viagem de estudos, cursos, dar aulas. (P51)

Teatro, filmes, debates. (P58)

Considerando a natureza das atividades elencadas e sua relação com a docência, já que foram citadas como atividades docentes realizadas fora da jornada remunerada, observa-se que as mesmas se relacionam com o enriquecimento cultural destes professores, o que leva a crer, que considerem a contribuição destas atividades para a sua formação enquanto docentes e sua repercussão sobre a prática docente.

De acordo com Oliveira e Vieira (2012, p.161), ao discutir os resultados da pesquisa “TEDBB”, da qual participaram 664.985.280 professores, 72% dos participantes informaram levar atividade para casa. Destes, 45% dedicavam 5 horas de trabalho semanais à realização de atividades docentes.

Embora o número de participantes da pesquisa realizada em Joinville seja menor se comparado aos números da pesquisa “TEDBB”, o percentual de horas trabalhadas fora da

jornada remunerada apontado por ambas, não é tão distante, considerando que, em Joinville, 60% dos professores informaram dedicar 5 horas ou mais para a realização de tais atividades.

Sobre a intensificação no interior da jornada remunerada, segundo Oliveira e Vieira (2012, p.174),

[...] é possível analisar a intensificação tanto em termos quantitativos relacionados ao volume de tarefas, como em termos qualitativos, caracterizados pelas transformações da atividade sem o necessário suporte social para acomodar as exigências do trabalho.

Questionados se as atividades que envolvem o trabalho docente têm aumentado, do total de 65 participantes, 51 (78%) responderam que sim, enquanto 14 (22%) responderam que não. Frente à possibilidade de comentar a resposta, 34 (52%) participantes fizeram 39 referências às atividades que tem contribuído para o aumento do volume de atividades docentes, conforme apresentado a seguir.

Atividade	Nº de ocorrências
Atividades de caráter burocrático (preenchimento do diário físico e online; atividades de correção e planejamento; projetos)	28
Atividades extras para estudantes com dificuldades de aprendizagem: (atividades de Recuperação Paralela; elaboração de pareceres.)	5
Aumento de atribuições	3
Atendimento de várias turmas nas aulas de Educação Física	1
Cooperação em festas para angariar recursos financeiros	1
Desmotivação	1
<b>Total de ocorrências</b>	<b>39</b>

QUADRO 2: AUMENTO DO VOLUME DE ATIVIDADES DOCENTES

FONTE: Pesquisa Condições de Trabalho Docente nos Anos Finais do Ensino Fundamental

Os dados apresentados evidenciam diferentes situações relacionadas com a intensificação da atividade docente. Embora, pouco recorrentes, alguns deles evidenciam a participação dos professores em atividades que extrapolam o exercício da docência, conforme revela um dos participantes.

Projetos para serem aplicados; **festas para auxiliar na parte financeira da escola** (que é obrigação do governo); preenchimento do professor online; pareceres para alunos com dificuldades. [grifo do pesquisador] (P10)

Entre as situações de maior ocorrência, encontram-se atividades de caráter burocrático, como o preenchimento de diário, a quantidade de projetos e o volume de recuperações paralelas. Em seguida, aparecem atividades extras elaboradas pelos professores frente às

dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos estudantes, tais como, atividades de recuperação paralela e relatórios de aprendizagem.

Sobre o “professor online”, expressão que aparece citada 58 vezes durante a pesquisa, segue as respostas dos participantes à questão que trata do aumento de atividades docentes no interior da jornada remunerada.

Digitação no diário online, mas não temos internet. (P63)

Por exemplo, o diário online, imposto esse ano, sem que tenham sido dadas as condições para seu uso. Os professores continuam preenchendo o diário "físico" e em casa, geralmente, transferem as informações para o novo sistema. (P2)

O novo sistema do professor online. Pela falta de internet na escola, temos que fazer o diário no papel para depois passar para o sistema. (P22)

Considerar as novas atribuições, entendidas como responsabilidades docentes, bem como as implicações delas decorrentes, considerando a diferença entre o tempo necessário e o tempo disponível para a sua realização, remete à discussão acerca da relação entre o “*professor online*” e a intensificação docente no interior da jornada remunerada. Sobre o aumento do volume de atividades, chama a atenção o enunciado presente na resposta de um dos participantes, segundo o qual:

Cada vez mais atividades que não condizem com a função de professor tem aumentado. A última foi a obrigação de preenchermos o diário on-line. Além do desvio de função, as escolas não possuem internet nas salas de aula para preenchimento de chamada e o sistema não é funcional, fazendo-nos perder muitas horas a mais na resolução dessa burocracia que é função das AEs (Assistentes de Educação). (P65)

Além da referência à falta de condições materiais de trabalho, que segundo Hypólito (2012, p.216), corresponde a “[...] aspectos físicos (prédios, salas de aula, ginásios, bibliotecas), aspectos de ensino (que envolvem tamanho das turmas, alunos, materiais didáticos, acervos bibliográficos, dentre outros) e de pessoal (número de docentes, equipes de apoio, substitutos etc.)”, a resposta de P65 evidencia a existência da intensificação docente quando o participante informa que passou a desempenhar uma atividade que até então não lhe competia. Se comparada à resposta de P65, a resposta de P2, apresentada anteriormente, evidencia a repetição de uma mesma atividade, ou seja, “a transcrição” dos registros feitos no diário físico (de papel) para o diário online.

Avançar na discussão proposta, só é possível, frente à compreensão do contexto vivenciado pelos professores, tendo claro o processo de transição da utilização do diário em meio físico para o diário em meio eletrônico. Contudo, conforme evidencia a resposta de P65,

fica claro a inexistência de condições materiais apropriadas à utilização do “professor online” sem que o mesmo torne-se mais um fator de intensificação docente.

Observar atentamente as respostas dos participantes à questão que trata do aumento das atividades docentes permite observar indícios de autointensificação, conforme sugerem as respostas abaixo:

O mundo de hoje exige muito mais, o mundo está mais competitivo e muitos índices são cobrados dos professores, como exemplo: a reprovação. Desta forma, as atividades e planejamentos são direcionados para o trabalho extra, em casa. (P9)

A única pressão vem de você mesmo (eu). (P61)

Embora não afirme enfaticamente que se sente responsável pelos resultados apresentados pelos estudantes, P9 demonstra indícios de intensificação docente ao relacionar o aumento da carga de trabalho fora da jornada de trabalho com a cobrança frente os índices de reprovação, levando-o a planejar e elaborar mais atividades com o propósito de melhorar os resultados apresentados pelos estudantes. Talvez, esta situação não viesse a acontecer, caso o professor não se sentisse, em parte, responsável pelos resultados apresentados pelos estudantes. Contudo, o enunciado da resposta de P61 parece reforçar a suspeita de tais indícios, uma vez que, de acordo com Oliveira e Vieira (2012), a autointensificação está relacionada com a autorresponsabilização do trabalhador pelos resultados do trabalho e da instituição.

De forma específica, quando questionados sobre a pressão sofrida durante o exercício da profissão docente, do total de 65 participantes, 37 (57%) informaram sentir algum tipo de pressão, enquanto, 28 (43%) responderam que não. Dos que responderam afirmativamente à questão, 23 preferiram comentar os tipos de pressão, totalizando 31 ocorrências, apresentadas a seguir.

<b>Tipo de pressão</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
Índices de aprovação	9
Relação docente X discente: ensino e aprendizagem	5
Falta de tempo: (preparo das aulas; correção de atividades; cumprimento do planejamento de ensino)	5
Pressão da equipe gestora: (Rapidez no preenchimento do “professor online” e devolução rápida das avaliações; motivação e bom humor durante as aulas; acompanhamento das aulas, do planejamento anual e mensal, tratamento diferenciado dos professores pela equipe gestora)	7
Falta de estrutura frente às metas estabelecidas	3
Falta de Valorização profissional	1
Coação moral por parte do governo	1
<b>Total</b>	<b>31</b>

QUADRO 3: PRESSÕES SOFRIDAS DURANTE O EXERCÍCIO DA PROFISSÃO DOCENTE

FONTE: Pesquisa Condições de Trabalho Docente nos Anos Finais do Ensino Fundamental

Destacam-se a pressão por aprovação e os “conflitos” entre docentes e discentes, decorrentes do processo de ensino e aprendizagem. Sobre as pressões advindas da equipe gestora, se observadas separadamente, revelam-se diversas e pouco expressivas, porém, não cabe ignorá-las, considerando a questão que norteia este trabalho. Chamam a atenção ainda, três referências à falta de estrutura necessária para o alcance de metas estabelecidas, sugerindo indícios da falta de condições materiais de trabalho adequadas. Pouco expressivas numericamente, as situações apresentadas nas duas últimas linhas do quadro, remetem há outras questões discutidas pela pesquisa, como por exemplo, as políticas governamentais de valorização do professor, que por sua vez, extrapolam a proposta deste trabalho. Ainda sobre os conflitos decorrentes do processo de ensino e aprendizagem, caracterizados pela divergência entre o comprometimento do professor e a indisciplina e falta de comprometimento por parte dos estudantes, os participantes escrevem:

Somos cobrados pelo bom desempenho (nota) dos alunos e, muitas vezes, isso depende mais da família do que nosso trabalho. (P5)

Aprovação de alunos; domínio de turma; manter a "disciplina" dos alunos; não tirar alunos da sala; notas baixas são culpa do professor. (P16)

Em relação à pressão por índices de aprovação e a falta de comprometimento dos estudantes e das famílias para com a rotina escolar de seus filhos, Lima (2013), em pesquisa realizada com professores dos anos finais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Joinville, esclarece que:

De todos os itens elencados, o que mais incomoda e pressiona os professores da rede é, sem dúvida, a obrigação de aprovar todos os alunos. Foram 23 (30,6%) docentes, de uma amostra composta por 75 deles, que alegaram se sentirem pressionados com a obrigação de aprovar mesmo aqueles alunos que não alcançaram um desenvolvimento satisfatório, conforme se pode constatar nas respostas que seguem. (p.124)

A indisciplina dos alunos foi o item mais citado, tendo 25 ocorrências dentre os respondentes. Isso não causa estranheza, pois o comportamento dos alunos tem sido motivo de acirrados debates não só no ambiente escolar, mas também na sociedade, pelos canais de comunicação, como o rádio, a televisão e a *internet* (p.134)

Problematizar os conflitos travados por docentes e discentes durante o processo de ensino e aprendizagem, considerando as semelhanças entre esta pesquisa e a investigação proposta por Lima (2013), remete à discussão proposta por Tardiff e Lessard (2014), que definem a docência como uma profissão de interações humanas, esclarecendo que:

A docência é um trabalho cujo objeto não é constituído de matéria inerte ou de símbolos, mas de relações humanas com pessoas capazes de iniciativa e dotadas de uma certa capacidade de resistir ou de participar da ação dos professores. (p.35)

Semelhante ao número de ocorrências relacionadas com as pressões decorrentes dos conflitos entre professores e estudantes, encontra-se a falta de tempo necessário para o preparo das aulas, correção das atividades e cumprimento do planejamento de ensino. De acordo com os participantes:

Temos pouco tempo para o preparo das aulas e a correção das atividades e somos cobrados quanto à "eficiência" do nosso trabalho: diário online em dia, devolução rápida para os alunos, aulas sempre motivadoras, bom humor. (P2)

Cada vez são maiores as atribuições dos professores, enquanto tempo e remuneração permanecem os mesmos. (P20)

Correção de provas. Todas as outras atividades ultrapassam esse tempo e tenho que realizá-la em casa, por falta de tempo, materiais e internet na escola. (P65)

Sobre o aumento do volume de atividades e os entraves relacionados à sua realização, no caso específico do “professor online”, evidenciam-se duas situações, que, embora distintas, se encontram no exercício diário da docência, ou seja, a falta de condições materiais de trabalho e a quantidade de horas atividades vigentes.

A partir das respostas de P2 e P22, citadas anteriormente, apontando a necessidade de preencher o “professor online” fora da jornada remunerada, enquanto repetição de uma atividade realizada em meio físico, evidencia-se a necessidade de maiores investimentos em recursos materiais por parte dos setores da administração pública responsáveis por esta tarefa. Tal medida contribuiria para a diminuição das situações de intensificação do trabalho docente,

constatadas por meio da análise dos dados desta pesquisa. Contudo, a relação entre o “professor online” e a intensificação do trabalho vai além, relacionando-se com o fator tempo, despertando a atenção para a relação entre as atividades docentes que extrapolam o tempo em sala de aula e a quantidade de horas atividades vigentes, que continua sendo a mesma existente antes da implantação do “professor online”.

Visto como uma atividade a mais, mediante a continuidade do registro em diário físico e sem as condições de trabalho materiais apropriadas, a utilização do “professor online” tem se tornado uma forma de pressão vivenciada diariamente pelos professores durante a jornada remunerada e fora dela. Fora dela, ocupando mais uma parcela do tempo que até então era dedicada à vida pessoal e, durante a jornada de trabalho, obrigando-se a adequar a nova atividade aos tempos e espaços existentes e possíveis, conforme descreve um dos participantes.

Com a chegada do aluno online o trabalho aumentou, pois a internet não chega nas salas de aula, então precisamos anotar no diário para depois no laboratório de informática ou em casa passar para o computador. (P4)

Vale relembrar, que, questionados sobre a quantidade de horas necessárias fora da jornada remunerada para realizar atividades docentes, 39 (60%) dos 65 (100%) participantes, informaram ocupar 5 ou mais horas do seu tempo com tais atividades. Entre as atividades informadas, 25 ocorrências de um total de 110, relacionavam-se com o preenchimento do “*professor online*”.

Sobre a hora atividade, Oliveira e Vieira (2012, p168), esclarecem que:

[...] a LDB 9394/96 estabelece no inciso V, do artigo 67, que aos docentes do magistério público deverá ser assegurado um período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho. Levando-se em conta o disposto na legislação que regulamenta o piso nacional salarial, infere-se que esse período deve ser de 1/3 da carga horária desse profissional, tendo sido estabelecido, que, no máximo, 2/3 do total da carga horária devem ser reservados para o desempenho de atividades de interação com os educandos, conforme parágrafo quarto do artigo 2 da Lei nº 11.738/2008.

Somadas às 8 horas atividades que compõem a jornada total de 40 horas/aulas semanais, as 5 horas trabalhadas fora da jornada remunerada, transformadas em horas/aulas de 45 ou 48 minutos, quando somadas às 8 horas atividades vigentes durante a jornada remunerada, se aproximariam do 1/3 especificado pela Lei nº 11.738/2008, contribuindo para o fim da sobrecarga de trabalho vivenciada pelos professores durante a jornada remunerada de trabalho e para além dela.

## Considerações Finais

Problematizar o processo de intensificação do trabalho docente e, conseqüentemente a autointensificação, remete a dois cenários, que embora distintos, se entrelaçam cotidianamente frente às vivências daquele que atua em ambos, ou seja, o professor.

Seja no contexto da escola, durante a jornada remunerada de trabalho, ou então, fora dela, geralmente em espaços que vão além da unidade escolar, o professor dos anos finais do Ensino Fundamental das escolas da Rede Estadual de Ensino, em Joinville, continua realizando atividades que se caracterizam como um prolongamento das atividades realizadas no interior da jornada remunerada. Como exemplos, podem ser citados o planejamento das aulas, a correção de atividades e o preenchimento do “*professor online*”, tecnologia, que, em função da falta de condições materiais de trabalho adequadas para a sua utilização, torna-se um elemento contributivo para a intensificação do trabalho docente. Contudo, embora em pequena proporção, parte dos professores indicou utilizar o tempo dedicado à realização de atividades docentes fora da jornada de trabalho com atividades que contribuam para o seu enriquecimento cultural, o que leva a crer, que considerem a contribuição destas atividades para a sua formação enquanto professores e sua repercussão sobre a prática docente.

Frente um contexto permeado por situações que caracterizam a intensificação docente, considerando as situações discutidas no decorrer deste artigo e retomadas de forma sucinta no parágrafo anterior, evidencia-se a incompatibilidade entre o volume de atividades docentes a serem realizadas pelos professores e o tempo disponível para a sua realização. Fica evidente, portanto, que a média de horas gastas pelos professores fora da jornada de trabalho remunerada, quando somadas à quantidade horas-atividades previstas no interior da jornada se aproximam do 1/3 previsto pela Lei nº 11.738/2008, necessários à realização de atividades docentes que extrapolam o trabalho em sala de aula, contribuindo para a diminuição das situações de intensificação docente caso esse percentual fosse de fato aplicado no interior da jornada remunerada de trabalho.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. 7ª ed. Petrópolis, RJ: 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo. Edições 70, 2011.

BRASIL. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96. Brasília: 1996.

CARVALHO, Carlos Martins. **Precarização das condições de trabalho dos professores do Ensino Fundamental da Rede Estadual de Goiás**. 2014. 172 f. Dissertação de mestrado (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2014.

DAL ROSO, Sadi. Intensidade do Trabalho. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Cancelli; VIEIRA, Lívia Fraga (Orgs.). **Dicionário trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010. CD-ROM Disponível em: <<http://www.gestrado.org/>>. Acesso em 17 de fevereiro de 2016.

GATTI, Bernardete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (orgs.). **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional do professores. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de Professores**. 2ª ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 2007.

HYPOLITO, Álvaro Moreira. Trabalho docente na educação básica do Brasil: as condições de trabalho. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade de; VIEIRA, Lívia Fraga. (Orgs.). **Trabalho na Educação Básica: a condição docente em sete estados brasileiros**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2012.

LIMA, Fernando de. **Condições de trabalho dos docentes dos anos finais do ensino fundamental**. 2013. 173 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) - Universidade da Região de Joinville, 2013.

MAY, Tim. Surveys sociais: do desenho à análise. In: \_\_\_\_\_. **Pesquisa Social: questões, métodos e processos**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

OLIVEIRA, Dalila Andrade de; VIEIRA, Lívia Fraga. Condições de Trabalho Docente: uma análise a partir de dados de sete estados brasileiros. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade de; VIEIRA, Lívia Fraga (Orgs.). **Trabalho na Educação Básica: a condição docente em sete estados brasileiros**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2012.

SANTA CATARINA (SC). Lei 150 de 28 de dezembro de 1996. Altera o art. 3º da Lei Complementar nº 100, de 30 de novembro de 1993, e estabelece outras providências. Legislação do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 1996.

TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014